

# "Foi a primeira exposição de África no Chile"

— conta-nos Malangatana

Júlio Navarro

DOMINGO 25/12/1994  
p. 16-17

**M**ALANGATANA, o pintor, ou melhor o *artista plástico* pois, para além de pintar — e segundo opinião internacional não é qualquer uma a Pintura que faz —, também faz escultura em ferro — recordemos aquela catedral-máquina voadora-casa habitável que vai agora nos seus 15,5 metros de altura, proposta para logotipo das Rotas do Ferro da UNESCO e que é conhecida pela *escultura da Mabor* —, desenho — e há dois anos pudemos ver uma sua *individual* no MNA em que desde o ultrabarroco até o traço único e indispensável nos traziam a sua enorme diversidade —, aguarela, guacho e técnicas mistas do mesmo tipo, até à cerâmica — com bolsa de estudo numa reputada fábrica de cerâmica de arte de Portugal, a *Viúva Lamego* —, à gravura com também bolsa na reputada *Gravura-Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses* —, aos cartões para tapeçaria — alguns levados a cabo no nosso Norte, outros em Portugal e até no Brasil ou aos bordados — e estes são-no em pano ou à maneira de dizer *cá-dagente*, aqueles em madeira, em móveis ou arcas, em que não esculpindo ele directamente a madeira, concebe, esboça e orienta, como o faz também nos únicos gradeamentos que esta cidade possui que não são só o triste reconhecimento de uma situação de roubo, mas uma expressão de criatividade que a pode embelezar — vejam-se os mais públicos, do BIP.

Malangatana, dizíamos, não só o Pintor mas o Artista Plástico, mas não só. Malangatana o poeta — menor, acha ele que é —; Malangatana o cantor, o dançarino, o percussionista — percussionista que, quando não tem outro instrumento à mão, se serve do seu imenso (e percussionável estômago) e com ele faz a música de acompanhamento —; Malangatana, o embaixador de Moçambique em tanta parte do Mundo, em que mais tem conseguido em termos de divulgação, de respeito cultural pelo nosso País, do que muita outra iniciativa mais ou menos oficial. Malangatana, o deputado que, embora possa ter sido apanhado a dormir nalguma das (chatíssimas) sessões da APR ou AR, não deixou de ter sempre intervenções importantes e algumas, como, em representação de toda a AR, a de despedida a Marcelino dos Santos, de alto teor poético. Malangatana, peça fundamental

## Dados bio-bibliográficos

Malangatana nasceu a 6 de Junho de 1936, em Matalana.

Cedo vem para cidade — a então Lourenço Marques — onde é criado de meninos e posteriormente *apanha-bolas* num dos clubes *chiques* da capital. Estuda à noite o que pode. Um dos membros do clube, encoraja-o a pintar e ele consegue frequentar o Núcleo de Arte. Ai, "Pancho", vai encontrá-lo e traz-lo-á para a sua garagem que passa a ser o *atelier* do pintor — tornado naquela altura o único pintor de Moçambique, vivendo só da sua Pintura — porque o quadro que "Pancho" lhe comprava por mês, dava-lhe mais do que o seu vencimento de indígena.

As suas primeiras aparições em público dão-se em 1959, onde participa em 3 colectivas em Lourenço Marques. Em 1961 realiza a sua primeira *individual* e participa numa colectiva na Cidade do Cabo.

A partir dessa data as suas participações em colectivas e a sua realização de individuais sucedem-se por várias partes do mundo. África do Sul, Alemanha, Angola, Áustria, Bulgária, Checoslováquia, Chile, Cuba, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Holanda, Índia, Itália, Nigéria, Noruega, Paquistão, Portugal, RDA, Rodésia, Suécia, URSS e Zimbábue tiveram ocasião de apreciar as suas obras.

De destaque especial a retrospectiva que, em 1986, realizou no Museu Nacional de Arte, inaugurada pelo Presidente da República, Samora Machel, e que, posteriormente, em versão mais reduzida vai percorrer várias cidades da Alemanha e Áustria; e a retrospectiva realizada em Lisboa — de dimensões maiores do que a aqui realizada —, organizada em colaboração de Portugal e Moçambique, e que lhe valeu a atribuição do Prémio da AICA.

Foi membro do Júri do Primeiro Prémio UNESCO para a Promoção das Artes; membro permanente do Júri do "Heritage", do Zimbábue; membro do Júri da II Bienal de Havana; membro do Júri da Exposição Internacional de Arte Infantil de Moscovo; membro do Júri para os Cartões de Boas-Festas do UNICEF; membro do Júri de vários eventos *plásticos* em Moçambique.

Recebeu Menção Honrosa no "Concurso de Artes Plásticas", Lourenço Marques, 1959; 1º Prémio de Pintura "Comemorações de Lourenço Marques", 1962; 2º Prémio de Pintura (*ex-æquo*) "Comemorações do 24 de Julho", Lourenço Marques, 1968; Diploma e Medalha de Mérito da Academia de Artes e Ciências Tomase Campanella, Itália, 1970; Medalha Nachingwea pela contribuição à Cultura Moçambicana, 1984; Prémio da Associação Internacional dos Críticos de Arte (Lisboa), 1990.

Tem obras espalhadas por muitas partes do Mundo tanto em museus e galerias como em colecções privadas. Está representado no Museu Nacional de Arte.

**domingo** — Parece-nos que este ano de 1994 — aliás entrando com o final de 1993 — foi um ano de muito movimento para o Malangatana, movimento que culmina agora com esta primeira *individual* de Pintura em Moçambique pós-Independência...?

**Malangatana** — É verdade. Em Janeiro aconteceu o convite do Maybwey Center, da Cidade do Cabo. O motivo foi não só conhecer este Centro, como o participar nalgumas actividades. Destas uma das principais foi a realização de uma exposição com a colecção privada de Albie Sachs, uma *colectiva* de pintores moçambicanos, produto daquilo que o Albie colecionou aqui em Moçambique e que ofereceu ao Maybwey Center. Tive o privilégio de praticamente fazer a inauguração desta exposição, Exposição que foi alvo de uma boa aceitação por parte das pessoas. Testemunho disso é o que surgiu nos jornais, rádio e televisão não só a nível da Cidade do Cabo mas de toda a África do Sul. Mas não só. O grande testemunho é que quando se ia inaugurar a exposição, a senhora que dirige essa galeria nacional de Cape Town, disse que por norma não costumavam ter muita gente, umas 20 ou 30 pessoas — advertindo-me para não ficar chocado se não estivesse muita gente. Surpreendentemente a exposição teve mais de 100 pessoas, o que foi para a galeria um número *record* em relação a outras exposições mesmo de artistas sul-africanos.

**d.** — Segundo o programa, havia uma ocasião em que tinhas também intervenções sobre várias coisas lá...?

**M.** — Bom, como de costume as minhas deslocações, embora ligadas com exposições, provocam outras coisas. Coisas programadas anteriormente e coisas um pouco improvisadas por lá, nos vários sítios por onde ando. E, nesta ida à África do Sul foi o mesmo. Além de ter participado na exposição, participei em vários encontros com pessoas interessadas em conhecer não só a arte moçambicana como em ouvir um artista estrangeiro como era o meu

caso. Falei principalmente com muitos professores.

**d.** — Portanto, tiveste que falar sobre as coisas daqui. Sobre o que é que falaste?

**M.** — Falei sobre aquilo que se passa nas artes plásticas. O grande desenvolvimento que nós temos aqui, sobretudo a partir da Independência de Moçambique, e a grande criatividade, o grande aparecimento de artistas jovens, não só na pintura como na escultura. E acabei também por falar no que acontece na parte da música e da dança e do teatro. Sem estar a inventar, disse que o teatro, em Moçambique, está desenvolvido. Enfim uma série de coisas que espantava muita gente porque a África do Sul está perto de Moçambique mas a realidade política daquele país nunca permitiu que o sul-africano se apercebesse da realidade moçambicana.

**d.** — Portanto, mais uma vez, tornaste as coisas numa grande festa...?

**M.** — Sim. Para o Dollar Brand o encontro com alguém que venha de Moçambique, para ele é uma maneira de conviver com Moçambique. Não foi só uma grande festa, foi também uma coisa de chamar a atenção em relação àquilo que ele sentia não só em relação ao mural em si mas também ao que tinha sentido nas vezes que esteve em Moçambique...

**d.** — Foi tudo nessa tua primeira saída em 94?

**M.** — Depois regressiei a Moçambique. Passadas duas semanas fui para lá outra vez mas já noutra actividade. Concretamente fui para participar nos encontros para a I Bienal da África do Sul. Fui com o Gilberto Cossa e estive com muitas pessoas de países da Europa, dos Esta-

dos Unidos, que foram lá como colaboradores daquilo que irá ser a I Bienal da África do Sul.

**d.** — Isso foi Maybwey e a África do Sul. Entretanto este ano, entre várias coisas foste ao Chile. Recebeste um convite e foste. Diz-nos alguma coisa sobre essa ida.

**M.** — No Chile aconteceu, de facto, uma exposição que, para mim foi muito interessante. A exposição foi organizada através de vários chilenos que estiveram aqui em Moçambique, entre eles o Rodrigo Gonçalves — que foi quem fez o projecto da sua organização e ela devia-se ter realizado no ano passado.

**d.** — Portanto, mais uma vez, tornaste as coisas numa grande festa...?

**M.** — Sim. Para o Dollar Brand o encontro com alguém que venha de Moçambique, para ele é uma maneira de conviver com Moçambique. Não foi só uma grande festa, foi também uma coisa de chamar a atenção em relação àquilo que ele sentia não só em relação ao mural em si mas também ao que tinha sentido nas vezes que esteve em Moçambique...

**d.** — Foi tudo nessa tua primeira saída em 94?

**M.** — Depois regressiei a Moçambique. Passadas duas semanas fui para lá outra vez mas já noutra actividade. Concretamente fui para participar nos encontros para a I Bienal da África do Sul. Fui com o Gilberto Cossa e estive com muitas pessoas de países da Europa, dos Esta-

dos Unidos, que foram lá como colaboradores daquilo que irá ser a I Bienal da África do Sul.

**d.** — Isso foi Maybwey e a África do Sul. Entretanto este ano, entre várias coisas foste ao Chile. Recebeste um convite e foste. Diz-nos alguma coisa sobre essa ida.

**M.** — No Chile aconteceu, de facto, uma exposição que, para mim foi muito interessante. A exposição foi organizada através de vários chilenos que estiveram aqui em Moçambique, entre eles o Rodrigo Gonçalves — que foi quem fez o projecto da sua organização e ela devia-se ter realizado no ano passado.

**d.** — Portanto, mais uma vez, tornaste as coisas numa grande festa...?

**M.** — Sim. Para o Dollar Brand o encontro com alguém que venha de Moçambique, para ele é uma maneira de conviver com Moçambique. Não foi só uma grande festa, foi também uma coisa de chamar a atenção em relação àquilo que ele sentia não só em relação ao mural em si mas também ao que tinha sentido nas vezes que esteve em Moçambique...

**d.** — Foi tudo nessa tua primeira saída em 94?

**M.** — Depois regressiei a Moçambique. Passadas duas semanas fui para lá outra vez mas já noutra actividade. Concretamente fui para participar nos encontros para a I Bienal da África do Sul. Fui com o Gilberto Cossa e estive com muitas pessoas de países da Europa, dos Esta-

do Movimento Para a Paz, um dos principais dinamizadores de toda uma tomada de consciência da sociedade civil na sua responsabilidade em continuar a conseguir preservar aquele bem único de Moçambique e do Mundo: a Paz.

Malangatana, também aquele que, desde sempre, tentou despertar nos outros à sua volta, o interesse pelas *coisas* da Cultura; Malangatana, a quem tantos — desde Chissano a Mankew, passando por Obelino — o seu primo Obelino que, antes de escultor, foi músico junto com Malangatana no conjunto que mantiveram os dois — ficaram a dever o *empurrãozinho para avançarem pelas Artes*. Aquele que desenvolveu a *Escolinha* — junto com Ivone Mahumane —, com os apoios à criança, ao seu desenvolvimento estético e cultural.

Aliás, a ligação Malangatana/UNICEF cada vez está a atingir maior impacto. Aquela organização tem vindo a reconhecer que a obra de Malangatana, como *plástico* — e aí, desde o ter convidado a membro do Júri dos Cartões de Boas Festas, até ter lançado um com uma obra dele e esteja a pretender outra para um dos livros que vai editar — mas também como impulsor de acções de apoio à criança, merecem o seu reconhecimento.

Malangatana, pois, isto tudo — e muito mais —, um dos principais Embaixadores da Cultura deste País, realizou a sua primeira exposição *individual* de Pintura em Moçambique pós-Independência — se não considerarmos a sua Retrospectiva em 1986 que foi muito mais também do que uma simples *individual* de Pintura —, durante este mês. Exposição, inaugurada a 8 de Dezembro e que, devendo encerrar a 19, acabou por, pelo interesse despertado — e as possibilidades entretanto acontecidas —, estar aberta até à passada sexta-feira, dia 23, em que o próprio *Centro de Estudos Brasileiros* — local onde a exposição se efectuou —, encerrava para as suas férias colectivas anuais.

**domingo** pensou que *estava na hora* — como diriam os brasileiros — de conversar um pouco com uma figura como esta, num momento como este tão especial — para além de tudo o mais de especial que daí veio a surgir, como poderemos verificar. A primeira de Pintura do nosso *Primeiro*, é de registar...

— que era à margem da exposição principal, a que estava no Museu Nacional de Belas artes —, era o despertar a atenção das crianças em relação ao que se faz em arte. Em simultâneo estava também uma exposição de brinquedos feitos de arame por crianças sul-africanas e enviados para lá. Isto para mim deu um sabor extraordinário porque estavam as pinturas de crianças chilenas, os trabalhos de crianças da rua sul-africanas e o meu próprio trabalho.

No Chile tive vários encontros na associação dos Artistas Plásticos Chilenos, uma organização de muito peso e que, com muitas dificuldades, conseguiu sobreviver após a morte de Salvador Allende. Pinochet, com se sabe, oprimiu em grande parte tudo o que fosse manifestação artístico-cultural. Esta resistiu — como muitas outras —, com muitas dificuldades mas sobreviveu. Agora — embora com um Pinochet ainda presente — as coisas estão mais fáceis.

Esta presença de uma exposição moçambicana no Chile despertou um grande interesse nos artistas chilenos e mesmo em pessoas fora do âmbito artístico, para as possibilidades de possível cooperação. Isto não só a nível das artes plásticas mas também no cinema: Há um interesse

em que se desenvolva um relacionamento de troca de visitas e impressões. Nos encontros na associação dos artistas chilenos assinei um convénio entre essa associação e o Núcleo de Arte. O convénio foi entregue e vão poder acontecer trocas não só de exposições como da ida de artistas moçambicanos para o Chile. Ainda falando de convénios, assinei também um entre a Escola de Belas Artes da Universidade Católica — a única que existe no Chile — e a escola de Artes Visuais de Maputo. Posso dizer que a Directora da Escola aceitou este convénio e já está a acontecer correspondência entre as duas partes e que se deve vir a possibilitar a ida e a vinda de vários artistas. A importância desse *vice-versum* é que vão acontecer *workshops*, tanto cá como lá. Ai, será mais professores e alguns alunos.

**d.** — Estavas para fazer uma escultura que, os estudantes iriam trabalhando, de acordo com os teus desenhos, e que acabarias quando lá chegasses. Chegou a fazer-se?

**M.** — Não. O tempo foi muito curto. As duas semanas não deram. O programa foi muito apertado. Mas talvez ainda venha a acontecer. A presença desta exposição no Chile despertou o interesse de mais contacto. Pediram-me para fazer um mural, que eu não iria fazer em tão pouco tempo. E deve vir a haver uma nova ida minha até lá. Nessa altura, mural haverá de certeza. Escultura é mais difícil pois envolve muito material.

Esta exposição teve muita importância, porque foi a primeira exposição de África a acontecer no Chile. Teve uma grande aceitação e a ida das crianças das várias municipalidades, enchendo a sala e desenhando, com a colaboração do artista, foi também a primeira vez que lá se deu. Por isto, a direcção do museu fez vários vídeos que vai passar a usar nos seus eventos.

A Academia Diplomática também me homenageou publicamente. Ainda a propósito do que representou esta exposição, a importância que teve para Moçambique e para África, é de notar que o Museu de Belas Artes de Santiago, organizou pela primeira vez uma exposição da colecção de esculturas africanas que tinha mas nunca expusera, considerando que o público chileno não tinha interesse por tal.

De muita importância para mim, também foi o facto de a minha exposição estar na sala principal — a sala "Chile" — e, do lado esquerdo, tinha a exposição de escultura africana; e, do lado direito, uma exposição com toda a colecção de Pablo Neruda.

Ainda tive ocasião de aceitar um convite de uma associação cultural dos índios Mapuches e participar num encontro da Escola de Cinema e falar para os seus alunos.

**d.** — Sei que tinhas recebido um convite para expor em Macau...

**M.** — A exposição de Macau passou, por questão de fundos dos organizadores, para o próximo ano. Aliás para 1995 também recebi um convite do reitor da Universidade de Aveiro que quer que eu lá exponha.

**d.** — Isto quer dizer que a possível exposição na China que também te foi



"Embora tão perto, devido à política, os sul-africanos não puderam ter informação sobre nós"

proposta, a vir a dar-se seria em 95, no seguimento daquela de Macau.

**M.** — Certamente.

**d.** — Já explicaste — o próprio catálogo o explica — os motivos de só agora teres realizado uma *individual* de Pintura em Moçambique pós-Independência: o não haver sala com dignidade e dimensões para o fazeres e a do CEB, não poder ser a da tua primeira exposição. Entretanto, o Museu Nacional de Arte passou a disponibilizar as suas salas — que não somente a de exposições temporárias, onde pudeste realizar há dois anos a tua primeira exposição em Moçambique independente. Por outro lado, a sala do CEB, passou a ter ficado com uma dimensão menor. Consideras que a tua exposição foi o que querias?

**M.** — Começa porque os quadros que foram ao Chile — quase todos — estava previsto que fariam parte desta exposição. Adiei a exposição duas vezes, em grande parte por causa disto. Infelizmente ainda não chegaram. Por outro lado, se chegassem não sei como caberiam. Não expus uma das obras que tinha preparado e as que estiveram expostas, estavam um pouco apertadas em relação à sua dimensão. Mas o pior, para mim, foi que não pude apresentar como queria os 12 trabalhos que constituíam o painel que fiz para a fachada do Pavilhão de África da Feira Internacional de Sevilha, visto que a altura das duas obras que constituíam os dois lados finais do painel, era maior do que a altura do tecto do CEB e tiveram que ficar inclinadas.

**d.** — Mesmo assim, penso que se pôde ficar com uma ideia, pelo menos, do que seria aquele importante conjunto. Ainda só duas questões sobre esta exposição: os fundos parecem estar mais trabalhados do que nunca e a tua paleta parece mais aberta, a tensão dramática menor do que habitual. Esta última maneira pode ter a ver com a Paz alcançada?

**M.** — Talvez. Não será consciente mas é natural que haja uma diminuição de tensão. Ao fim e ao cabo a guerra parou e as oportunidades que tenho tido no Movimento Para a Paz de ver como as pessoas — mesmo as crianças — são sensíveis ao facto, trazem com certeza influência sobre mim.

Sobre os fundos é cada vez mais minha preocupação, trabalhá-los muito. Preciso cada vez mais de cozer bem a tela, para quando depois passo ao quadro propriamente dito, parte das coisas já estão lá ou vão ser sugeridas por aquele *cozimento*. Por vezes tenho passado dias a preparar estes fundos. Aliás é vulgar que os deixe *amadurecer* e, volta e meia levam mais uns toques, até que chega a vez de começar a pintar sobre eles. E, aí, eles põem-se a fatar.

(Continua na próxima edição)